



KUNDGEBUNG
MI * 19.08.2020 * 17H
KOHLFURTER STR. 41 * BERLIN
VOR DER CROSSMEDIA GMBH

EG
GINNT





**quero salvar
tudo que puder,
me salvar,
e salvar você**

Ademiel Junior Sant'anna • Adriel
Giordani Christ • Amanda Cappellari
• Amanda Corrêa Rocha • Anna
Leticia Ventre (org) • Daniel Leal
Racheli Silveira • Eduardo Cristiano
Althaus • Elisandro Rodrigues •
Gabriel Medeiros Escobar • Giovana
dos Passos Colling • Geice Michele
Pereira • João Camilo Portal • João
Luís Miola • Kauan Santos Almeida
• Laura Barcellos Pujol de Souza
• Laura Coelho Schaefer • Letícia
Maísa Eichherr • Lidiele Berriel de
Medeiros • Lucas Boeira Bittencourt
• Luciano Bedin da Costa (org) •
Luis Henrique da Silva Souza •
Mirela Massia Sanfelice • Sharyel
Barbosa Toebe • Tatiele Mesquita
Correa • Vitória Moro Bombassaro

quero salvar tudo que puder, me salvar, e salvar você

Luciano Bedin da Costa [org.]
Anna Letícia Ventre [org.]
Lucien Corseuil [produção gráfica]



zip

Edições Autonomaz



nota azul

Projeto gráfico e capa:

Lucien Corseuil

Revisão:

Marina Marostica Finatto

Conselho Editorial:

Deisimer Gorczevski, *Universidade Federal do Ceará, UFC*

Denise Espírito Santo da Silva, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ*

Edson Luiz André de Sousa, *Associação Psicanalítica de Porto Alegre, APOA*

Galvanda Queiroz Galvão, *Universidade Federal do Pará, UFPA*

João Anzanello Carrascoza, *Universidade de São Paulo, USP*

Manoel Ricardo de Lima Neto, *Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UFRJ*

Rosane Preciosa Sequeira, *Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF*

Sabina Anzuategui, *Faculdade Cásper Líbero*

Silvio Ferraz Mello Filho, *Universidade de São Paulo, USP*

Simone Zanon Moschen, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS*

Tiago Almeida, *Escola Superior de Educação de Lisboa do IPL, ESELx*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Q4

Quero salvar tudo o que puder, me salvar, e salvar você / Luciano Bedin da Costa, Anna Letícia Ventre, Lucien Corseuil (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS / Nota Azul / Autonomaz, 2020.
112 p.

ISBN 978-65-86232-62-2

1. Poesia I. Costa, Luciano Bedin da II. Ventre, Anna Letícia III. Corseuil, Lucien IV. Título.

CDU: 82

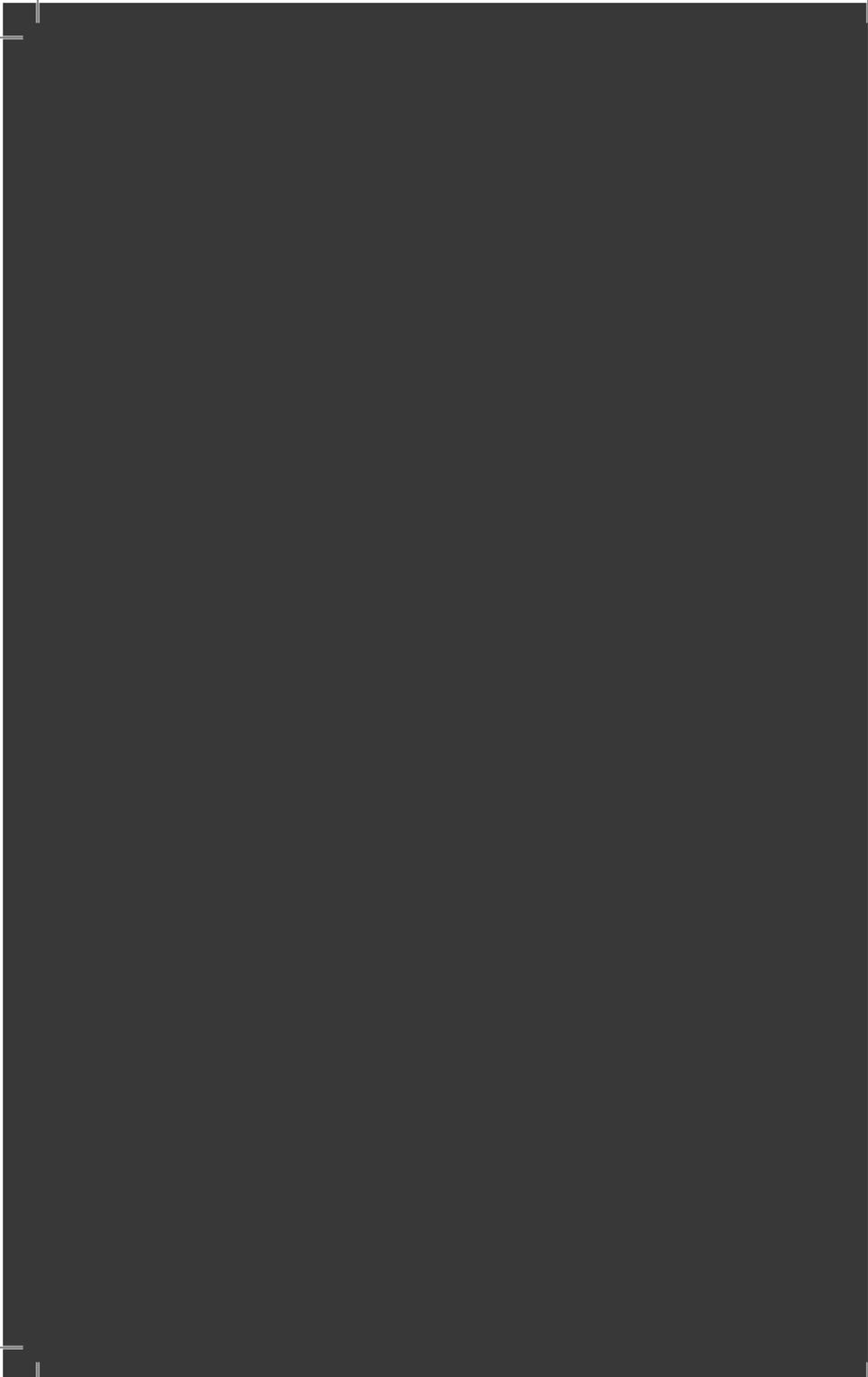
Biblioteca: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

Apoio:



é desde esse limite máximo
do cansaço e do negativo
que poderemos ouvir o trovão
e ver seu relâmpago
que anunciam que,
apesar de nosso cansaço
e do nosso não mais aguentar,
o possível ainda não foi
esgotado por inteiro.

Tania Galli
(in memoriam)



Neste livro de viver-junto, reunimos poemas coletivos produzidos durante o seminário Políticas do Texto V: topografias poéticas, junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nossos encontros foram realizados de forma remota através de um sistema de webconferência por nós batizado de Vale do Mconf. A construção deu-se de abril a setembro de 2020, quando o Brasil contabilizava mais de 120 mil vidas ceifadas da possibilidade de luto compartilhado, dado em grande medida pela condução da pandemia às malhas da desresponsabilização e do descaso por via macropolítica. Tivemos a sorte de contar com a presença dos amigos poetas Alberto Pucheu e Rodrigo Briveira que, do Vale do Socavão e de Belém do Pará, nos encorajaram em nossa tentativa de dicção poética. Agradecemos imensamente a Lucien Corseuil que, desde sua topografia berlinense, compôs uma materialidade sensível e gerúndia às nossas palavras, transmutando-a neste objeto de amor a que chamamos de livro.

*Luciano Bedin da Costa e Anna Letícia Ventre
Vale do Mconf, verão de 2020*

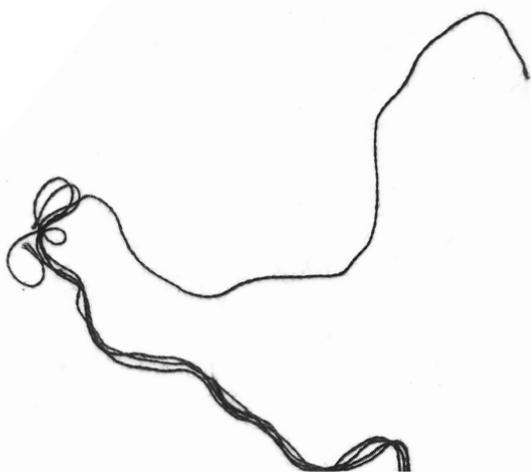


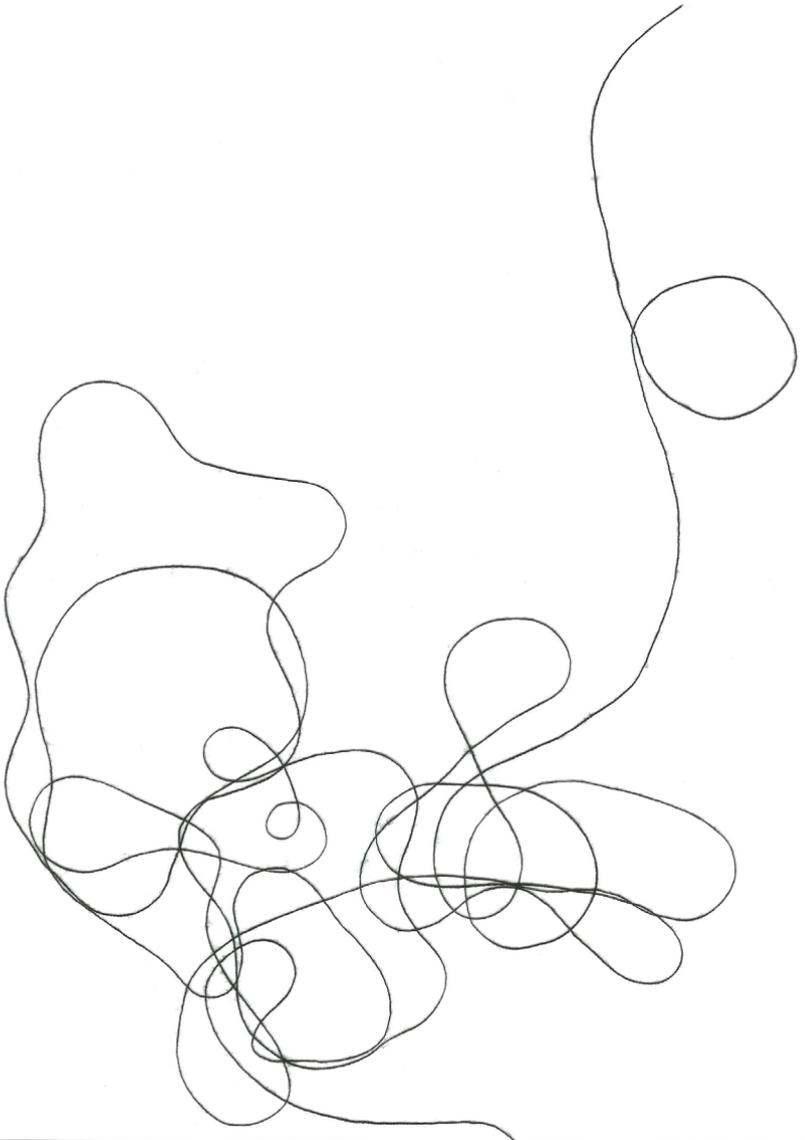
[uma anotação intempestiva]

[Luciano e Anna; essa ideia das notas enlivradas (notas convertidas em livro), saber solto, rola-rola, pelas estantes e HDs, por aí (...) e-books da vida, que baita ideia! feliz gesto de quarentena; nota solta pela rede; estamos felizes! Diga-se isso, imperiosamente, por todas e todos; assume-se o risco desse gesto. É um risco solto que se produz. O risco do(s) risco(s) do(s) confinado(s). Rede enredada. Leu-se assim, num certo canal de Youtube, nesse mesmo período: “do furacão que te atravessou, quem (o que) és tu?”; da nota solta na rede lança-se a dúvida: será que essas páginas podem funcionar como pistas, quarentenadas, dessa que, que somos? (ai, ai; ...) o risco do riso se converte (e palavreia) em notas atordoadas e amontoadas. Que te dizes a chuva que cai, lá fora? Enquanto quarentenados (quadrilhas antenadas, de difamadores infames, de palavras suspeitas, perdidas e urgentes) somos qualquer coisa. Que felicidade (ou emoção) que já se disse, já se disse, e foi tão lindo, palavra que se repete por aqui: a senha é amor. Colegas, convoco-os, mexam, anulem, cortem, seduzam, batam com os dedos nas teclas dos teclados e dos pianos (difamem os corretores) e gritem pelos corredores. A palavra é nossa esperança (ou fantasia) de uma política de texto. Riso solto. Na rede. Furacão

(tempestade). É vento que corre e seduz. Onda que bate e marea. Palavra e texto; é política nossa, fluxo de pensamento (vento, onda) vontade da poesia pelos cantos da casa. Essa anotação corre o risco do raro do teu olhar. A palavra é tudo que temos, e + um pouco [...]. O nosso destino estava escrito (e era no Vale do Mconf). Ele era um risco, e nem suspeitávamos da política de nossa palavra. Começou com a senha do amor. Termina sem a fantasia de um fim. É isso que estamos: dedos e palavras [...] em rede e risco (e riso) é difícil pôr o ponto. Colocamos o improrrogável.

Talvez isso deponha contra alguns grandes teóricos das semioses, mas o ponto a chegar, que possivelmente esteja mais para reticências do que ponto final, é este querer escrever para chegar mais perto das palavras, mesmo sabendo que não iremos alcançá-las jamais. Talvez nessa busca incessante, ao invés de chegar nas palavras, acabamos chegando nas pessoas. A utopia é isso né? A gente caminha dois passos, ela mais dois, e no fim estamos todos caminhando. Não sabemos como essas palavras vão chegar até vocês, mas espero que encostem de alguma maneira, seja esbarrando ligeiro ou em um carinho gentil :)]





apesar da necrocracia

Alberto Pucheu

Apesar da necrocracia de Bolsonaro, com sua tentativa de destruição da universidade pública – um dos lugares em que se pensa e se cria, com excelência, no Brasil –, no começo deste ano ainda tentávamos construir um futuro que não distinguisse pesquisa acadêmica, criação teórica e artística (como também possíveis desguarnecimentos de fronteiras entre elas) e encontros intelectuais-institucionais-afetivos presenciais. Fui, então, convidado pelos professores Luciano Bedin e Anna Letícia a ir à UFRGS para a realização de duas atividades distintas com seus grupos de pesquisa: 1) passaria o filme com debate e, em seguida, a partir dele; 2) falaria sobre meu próprio trabalho teórico e poético. Com a data agendada, veio a pandemia e o cancelamento da viagem.

Depois de uma suspensão inicial, surgiu a proposta de um encontro virtual, em que o ponto de partida fosse o poema-livro *in progress* que eu vinha escrevendo e que acabou por ser publicado em livro eletrônico pela editora da revista Cult, intitulado *Poema para a catástrofe do nosso tempo*, a partir de “nosso tempo” de Bolsonaro, de coronavírus e dos

respectivos entrecruzamentos. No dia do encontro, o poema-livro, que acabou por ter 21 partes, já estava pronto e disponibilizado gratuitamente no site da revista (o livro eletrônico, com o dinheiro da venda destinado ao Observatório de Favelas, da Maré, sairia poucos dias depois), fazendo com que o grupo pudesse ter acesso a ele.

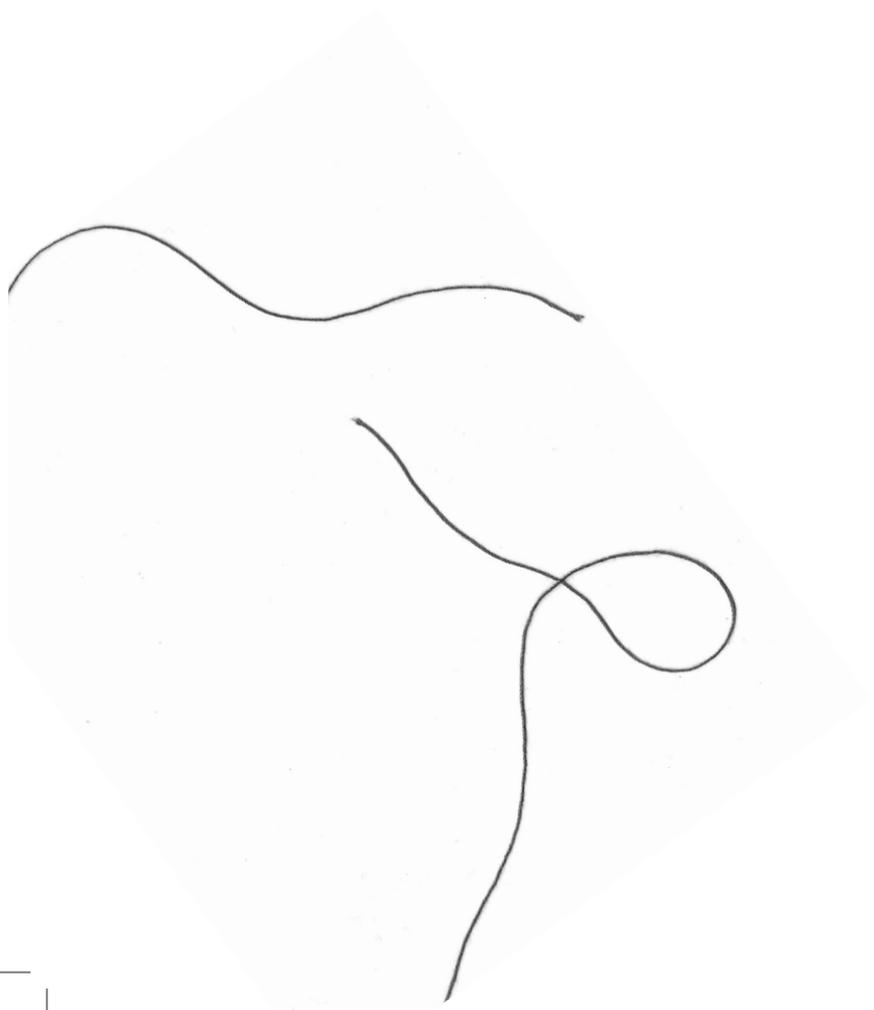
Foi a minha primeira experiência de conversas virtuais em tempos pandêmicos. O excelente grupo tinha uma dinâmica muito própria, que encantou-me imediatamente: além de uma receptividade muito carinhosa, havia perguntas ou colocações excelentes feitas oralmente, comentários ou indagações constantes no chat e, ainda, no bloco de notas da plataforma utilizada, um poema coletivo em construção compartilhado em que qualquer pessoa podia escrever simultaneamente a outra, por dentro, a partir e com a escrita do outro, sendo o próprio processo de escrita participativa realizado e acompanhado por todos ao mesmo tempo.

Com essas múltiplas confluências, subitamente, eu me dava conta de que havia ali um outro do que era chamado de aula ou palestra se fazendo, pois, mesmo que alguém – eu, no caso – tivesse sido convidado para falar assumindo o lugar da fala, o que importava era, indubitavelmente, o processo do atravessamento grupal, em que conversas, pensamento crítico

e criação poética se misturavam completa e simultaneamente.

Do Vale do Socavão ao Vale das plataformas digitais, essas notas poéticas seguem sendo um grito traduzido em palavras pelas centenas de milhões de vidas rasteiras que habitam este país, pelos mais de, até hoje, 95 mil mortos pelo governo atual em seu negacionismo, estrategicamente necrofilico, do Covid-19. O gesto do encontro, o modo como ele se realizou e esse poema crítico dele derivado, criado, como já dito, coletivamente pelos participantes, mostram o compromisso afirmativo da poesia com a alteridade, com as pessoas em suas vulnerabilidades, com o desejo, que ainda resta, de levantes, com insistências e resistências, com as vidas que deveriam importar e em nome das quais a política deveria agir.

*Vale do Socavão,
3 de agosto de 2020*



**(escrever como acidente entre o dizer e o
escutar. a poesia-coisa. paleolíticas poéticas.)**

é coisa

(a origem perdida do eu)

fraturas no corpo
no “uau” do teu instante
pequenos golpes de pequenas solidões

recentemente
diria ela a si mesma olhando fixa no espelho
mas não diria a ele nada disso
pois são verdadeiras as coisas apenas quando tocadas
e seria por demais impossível tocar aquele ente perdido
que agora
era apenas poesia

te chamo para dançar nos balanços
a roda (retomar) confiança
passos juntos e separados
o meu acabou. acabou o de vocês? recomeçou
sensação de se acabar e se nascer no acidente do
escutar o que dissemos
impermanência
morrer é uma grande aventura
queria adoecer

dela
ela vida
ela morte
ela eu
a roda
os balanços
a linha da agulha
a linha da frase
a linha da estria que desce e desce e borda o corpo
todo
o ventre
o portal
os passos
a costa
a rocha
escrever é um golpe de saúde
uma doença saudável
há saúde na doença
a saída na doença

poesia não é para descrever
é para descobrir
é coisa
revolve
poesia não é só para descrever
mas pode
pode também
descolorir

a palavra gira
as palavras giram e param
fazem pose a todo instante, algo se apaga
improrrogável
sem vírgula

caminhando pela poesia tropecei na vida pulsante
olhar escuta do mundo ruídos
ah! gozo
vida em retrocesso
escrita em processo

existe um determinado ponto
de onde o retorno é invisível
é esse o ponto que se busca
ponto de fuga

quando não escrevo, estou morta. Sim, Clarice,
e assim escrevo, acho que desde quando nasci
escrevo para sobreviver
brinco com as palavras feito uma criança que busca
por respirar
[ou para -tentar- encher o coração de mel e girassóis]

escrevo para quê? se soubesse, escreveria?

tem dias que me odeio tanto que resolvo me amar
porque não sei saber
soube sentir

e também mentir
mas sem saber saber

“soube subir?”
em francês, subir é sofrer
subi
sofri
desci
mas resto sem saber se soube de algo no Brasil

coisa, é e não é -
Sim, Roland,
“tá me dando uma coisa”
que coisa é essa?
não sei das inomináveis coisas da vida

(não é exatamente líquido, e não é exatamente sólido,
é lava, uivo do eu)
auuuuuu
euuuuuu
escrita sem ponto final respiro suspiro inspiro espirro
respiro piro sim piro sim
erupção de coisas lava elemento em transe
viscoso o fogo me curou
bruxa
campo minado
meus pés não explodem
pompéia é o modelo desse mundo

escrevo ou lanço bombas?

bilabial

bivalve

como um de meus ventrículos

a voz é um vapor escaldante

trovão e clarão na noite

alongar-se, não ter fim, o por vir

processo em eco

eco

e

c

o

ecoam em mim possibilidades poéticas

a poesia fosse um voo

turbulência

despropósito

isolada percebo: só preciso da arte para sobreviver

uma flor amarela morreu no asfalto

foi o inverso de Drummond

a náusea é viva

o muro e o grito

pule o muro pule o muro! pule os cacos de vidro

vertigem

e se eu cair?

um rebelde abriu uma fresta no muro
meteu o dedo e enfiou no cu do soldado
riu sem parar
bem feito
bem feito
crianças não cabem em jaulas, Trump. Mas, e então?

sair disso

semente
feto
lava quente erupção à alma
menstruação aborto
deixo meu sangue escorrer

torpor
corpo isolado
corpo distante
corpo dissidente

preciso de mais calor
aqueço-me em teu corpo
permito-me viver nele
não pedirei permissão para amar
o amor não pede passagem
delicadezas
a semente brotou

hoje de manhã
daquelas pequenas alfacinhas que arrisquei enfiar na
terra há três dias
e que nunca pensei que nasceriam
eu nem sei plantar

ela lê lindo
eu leio como bula de remédio

devidamente medicada de poesia estou
dessas tipo bula
ou rio
mas não riso solto
e sim apertado

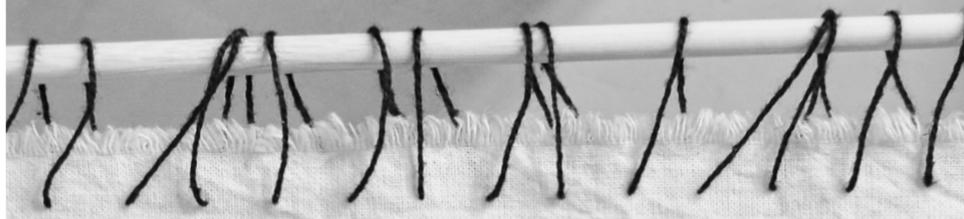
às vezes rio por dentro

a escrita é como o rio com suas entranhas e afluentes
é como a árvore frutífera em cada estação do ano
é rio, é árvore, é girassol
flores com suas cores
é vida
dedilhada
vida não desdenha do movimento

venho ao mundo
venho ao mundo?
velho, eu
no mundo?

o mundo
não abre mão de nós
ou abre?
em algum momento você será vítima do seu tempo
em algum momento você será transgressão do seu
tempo
beijo da rebeldia de língua

a b r e
alinhavar a linguagem
a linha vã
abreviar
a linha
a língua
alinha



Handwritten text in black ink, possibly a name or title, located in the upper middle section of the fabric.

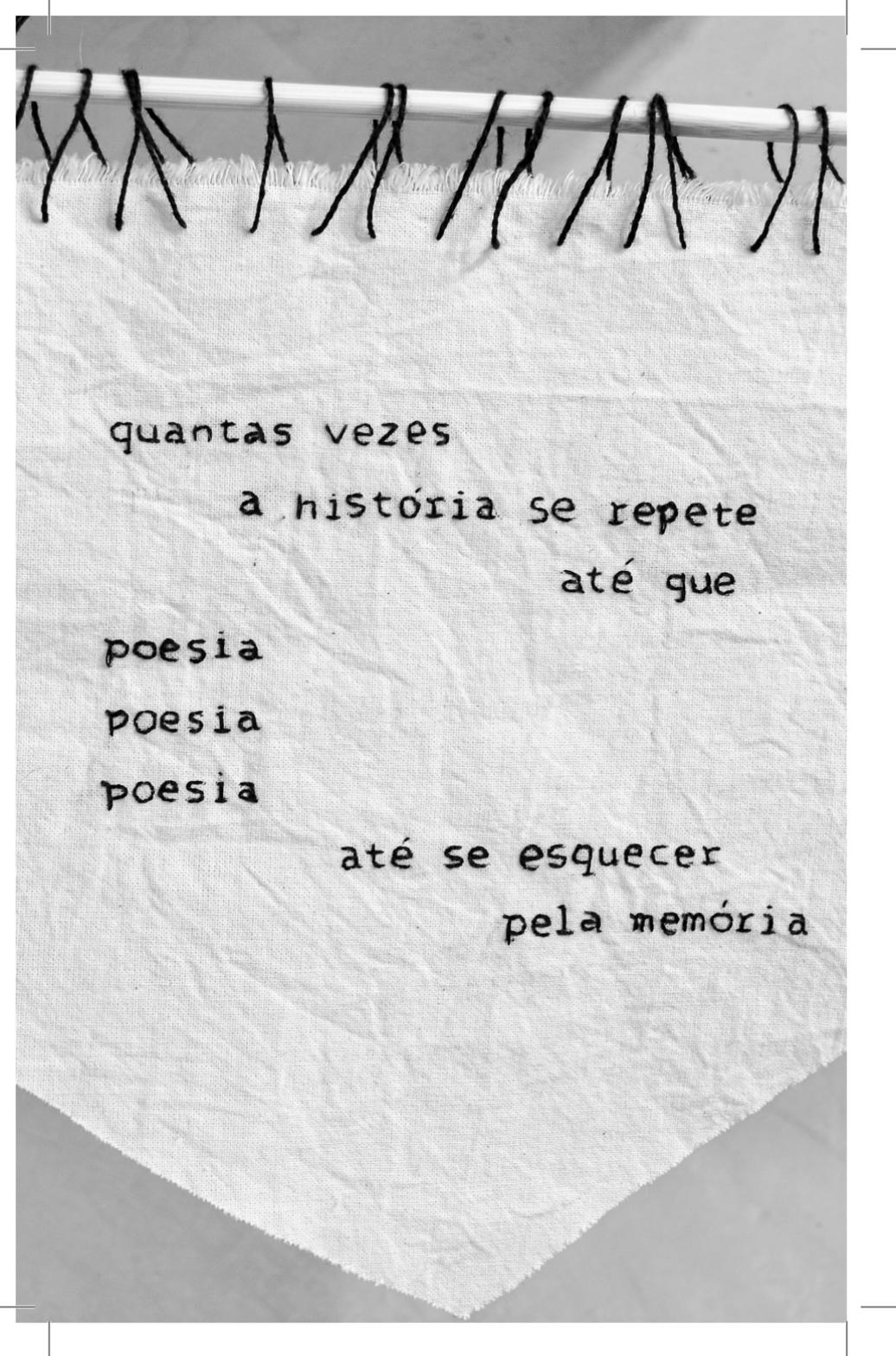
Handwritten text in black ink, possibly a name or title, located in the middle section of the fabric.

Handwritten text in black ink, possibly a name or title, located in the lower right section of the fabric.

Handwritten text in black ink, possibly a name or title, located in the lower middle section of the fabric.

Handwritten text in black ink, possibly a name or title, located in the lower left section of the fabric.

Bordado:
Sharyel Barbosa Toebe, 2020.



quantas vezes

a história se repete
até que

poesia

poesia

poesia

até se esquecer
pela memória

**(quero salvar tudo que puder, me salvar,
e salvar você)**

para Rodrigo Briveira

de repente desço do balanço leve e levo um susto,
quero correr, quero salvar tudo que puder, me salvar,
e salvar você, e os livros, e as línguas que morrem
todo dia junto com os povos em extermínio, e quero
chorar, e quero passar do frio para o calor do sol,
esquentar a pele, correr a linha pelo tecido, e louvar o
mar, e olhar o horizonte, e escrever, ao mesmo tempo,
tudo ao mesmo tempo, e me acalmo de novo pois me
canso

ausência também é uma forma de existência,
é mesmo, Rodrigo

da tranquilidade
que o poema não tem
em sons bilabiais
sonoplastia

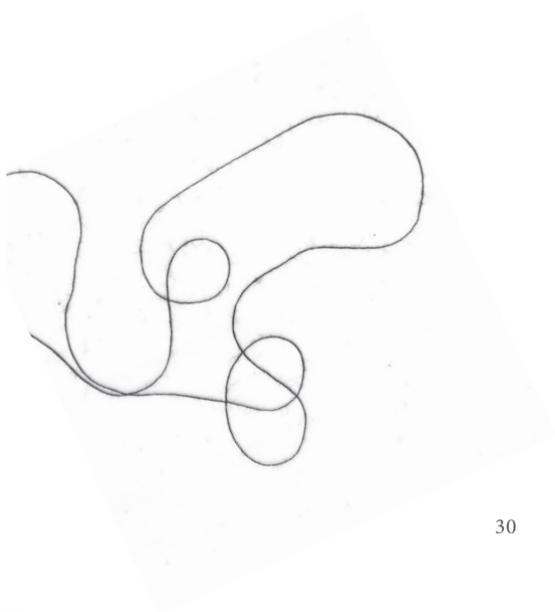
antes, era ansiedade
saio daqui não sendo mais o mesmo
quem?

amamos. amaremos.

mais um Sim.

amar na vida e na morte é mesmo um privilégio

(sim, Rodrigo)



(pulsante anotação de cura)

improrrogável

rareza

experimentar o raro

se enredar nos improrrogáveis

limiar rarefeito

431% dos casais entraram em DR durante a
quarentena

(seria o improrrogável da palavra?)

corte

cicatrizes

destino

atrevivência

estar no chão como um animal com as vísceras à
mostra

vísceras que convocam borboletas a sair se
dispersando dos casulos desfechados

mas existem corpos que já nos anunciavam que esses
modos de vida eram mortíferos

pois o improrrogável os acompanha na sua existência

**(vinte definições para sutilizar
palavras grandes)**

1. *Abismo*

o abismo não nos afasta
o abismo
nos cerca.

_____ *Wisława Szymborska*

2. *Animalesco*

os chineses veem as horas nos olhos dos gatos.

_____ *Charles Baudelaire*

3. *Contato*

o artista nos contou: andar em círculos também é
uma forma de avançar.

4. *Corpo*

capacidade de surpreender a língua,
de colocar a mão na maçaneta.

5. Cura

experimento o raro do teu olhar
inventa fora de mim outro lugar.

_____ *Vitor Ramil*

6. Curo-me

quando olho para mim não me percebo
tenho tanto a mania de sentir
que me extravio às vezes ao sair
das próprias sensações que eu recebo.

_____ *Fernando Pessoa*

7. Delicadeza

toda delicadeza é um respiro corajoso contra tudo
que é asfixiante.

_____ *Tarso de Melo*

8. Escrever

escrever para mim é na maioria das vezes conduzido e
exigido pelas marcas:
dá para dizer que são as marcas que escrevem.

_____ *Suely Rolnik*

9. Escritura

o que nós queríamos é que a nossa palavra poemasse.

_____ *Manoel de Barros*

10. Eu

minha ferida já existia antes de mim.

_____ *Joe Bousquet*

11. Humanidade

é o instante que nos empurra às fronteiras do abismo.

12. Mundo

#1.

o mundo é salvo por um olhar.

_____ *Eliane Brum*

#2.

mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo,
seria uma rima não uma solução.
de soluções me esgoto,
do mundo,
não.

_____ *Drummond*

13. Paradoxo

meu corpo sempre pode
mais
além
do cansaço.

14. Previsão

se você achou que ano passado foi intenso,
cê não sabia de nada.

_____ *Fafá de Belém*

15. Rareza

escrevo para experimentar uma vulnerabilidade das
coisas.

_____ *Marcelo Percia*

16. Sofrer

condição de estar exposto à fotoexposição, à novidade
do fora, ou seja, ela sofre de ser afetada.

17. Suportar

portar o si
comportar o abismo.

18. Tempo

no presente a mente, o corpo é diferente, e o passado é uma roupa que não nos serve mais.

_____ *Belchior*

19. Vida

de tanto acumular mistérios nulos e monopolizar o sem-sentido, a vida inspira mais pavor do que a morte:

é ela a grande Desconhecida.

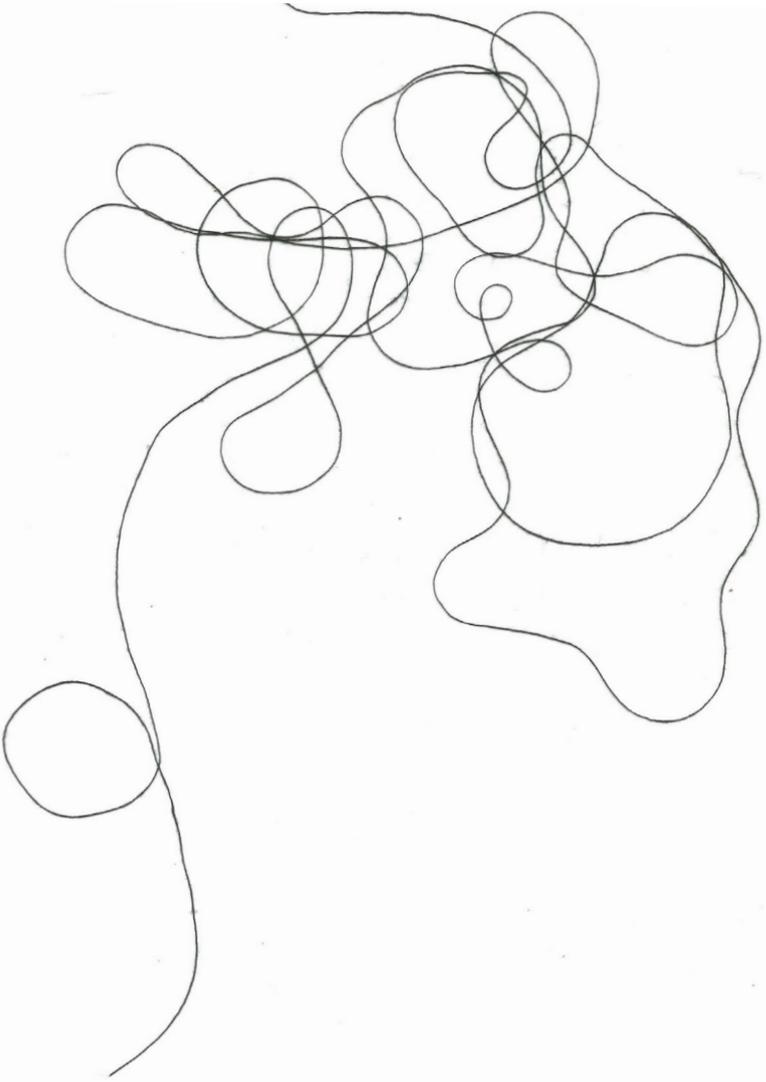
_____ *Cioran*

20. Viver

se morrer é um mantra necessário ao que nos acontece, assim também o é viver com e após o desastre.

_____ *Tania Galli*





(c - h - a - t)¹

[14:27] Vamos aguardar uns 10min até o povo chegar.

[15:33] Mesmo os procrastinadores chegam a algum lugar.

[14:15] Só vou escutar, viu?

[14:40] Não estamos te escutando.

[14:45] Estou sem áudio pessoal...

[14:46] Fica atento ao chat.

[15:19] Tô vendo só telas!

[15:19] I see telas people.

[16:45] Vou ter que sair um pouco mais cedo.

[16:32] Crio corpos como quem cria poemas. Ou crio poemas como quem cria corpos.

[16:32] Reinventa a anatomia da delicadeza.

[16:33] A poesia como margem.

[16:33] Limiar.

[15:51] Quem não tiver falando, se der para mutar o mic.

[15:50] Tô camuflado.

[15:51] Camuflado consegues escrever?

[15:51] Escrevo para experimentar uma
vulnerabilidade das coisas.

[16:34] Arriscar a minha crença no mundo através do
meu amor pelo mundo.

[16:34] Não há nada razoável na poesia e no mundo.

(a senha é amor)

I.

há poemas que não deveriam ser lidos em voz alta
mas em notas atordoadas do corpo em conjunto
aquele do qual não sabemos ou queremos nos separar
poemas lidos em vôos loucos de nossas próprias notas
de rodapé
na estante de casa
secretas notas de poeira gritam alto
crescem sob a mudez luta tua
também luta nossa
trocando ar dos pulmões
do pulmão catástrofe
ao pulmão poesia

agora estamos juntos:

essa é a nossa (grande) fantasia
de sobrevivência

II.

há poemas que não deveriam ser escritos em voz alta
mas em escritas de gira-gira
letras nauseadas, palavras cata-ventos

frases de tontura.
frases sob tortura.
manifesto que levanta – ainda aos tropeços –
em apelo ao igualmente cambaleante parceiro-
bambolê
que se tomou pela nossa tontura e tombou junto a
nós.
adentrar a eternidade do círculo
p e r m a n e n t e m e n t e
porque
não
existe
palavra
para
vomitar
isso
que é a
grande
(des) graça
de se embriagar
em palavras

encontros na queda.
escritas em queda.
como quem alcança a mão.

nem totalmente vivos,
nem mortos, seguimos
(parciais pardais voando sós)

em retiros intermitentes
horizontalmente isolados
respaldados pela ciência
em exercício de paciência
embriagados de poesia
escrevendo no contrapé da sabedoria

é fogo

é uivo

é via

II.I

trago,
o necessário
trago,
as dores
trago,
as alegrias
trago,
as cicatrizes
trago,
as forças
trago,
além de fronteiras
embriago
quem posso ser
para desdosar um eu
para dosar um nós

fagulhas
(consegues escrever?)

soletrar algumas sílabas

anotações a(tordo)adas

estraçalha

vou escrever por aqui

capturar as nossas

eu gosto daquilo que me

de sentir o peito rasgar
suor

lágrimas

fadiga

caderno de anotações

gesto de pesquisa

leitura

escrita

microfone (des)ativado
(silêncio que fala)
(fala pequena sem
imagem)

colagem

montagem

poesia

curadoria narrativa

IV.

a lon gar

a lon gar

a l o n g a r -se

alongar-se

dar mais tempo

alongar-se

dar mais espaço no corpo

alongar-se no tempo porvir

alongar-se no corpo a se tocar

no corpo a ser tocado no tempo porvir

corpos que se tocam no encurtar das distâncias
cortadas pelas lâminas dos acenos -, (sim Briveira)

Não é solidão.

- Sim, tô aqui!

- Eu também!

corpos que se olham

No limiar da errância

de ti não sei nada

de mim, tampouco.

V.

Nós, as cobaias descartáveis
acúmulo material
de asas curtas e pés flácidos

Nós, os devoradores de bomba
súditos alegres
do tempo dos tornozelos

Nós, os universais singulares
da palavra encruzilhada
do mundo de cabeças viradas

Nós, os confinados rebeldes
espectadores silenciosos
dos pássaros por detrás da janela

seivas misteriosas
estranha mata
de língua bífida

rostos estilhaçados pelos pixels
camuflando a graça das feições
vultos híbridos olhando-se
criando novas fisionomias
espiral de
traços dissidentes
gestos congelados
vozes rompidas

insurgem como podem
em acordo mútuo
delicada coragem de permanecer

Nós, os bipartidos do espelho
gestados no ventre
de uma luta cruel

Nós, os esperançosos
de uma futuridade imaginativa
que especula a partir da lembrança

Nós, que criamos a lembrança
que salvamos os arquivos com cuidado
saudando todas as distâncias
afirmando a ausência

Nós, corpos desencontrados
despedaçados,
nós que se desfazem
formando nó(vo)s
esperando um amanhã incerto
(alguma vez tivemos certeza?)

Nós, os esperançosos
esperamos porque desejamos outra dobra do vírus,
outra dobra desse tempo viral
onde não desejamos mais a alienação pelo excesso de
informação

desejamos poesia, arte, música
(Sim, Pucheu),
“em um momento de horror como o que vivemos, a
poesia é mais que necessária
é filosófica, histórica, sociológica, antropológica,
pedagógica”
é política, estética, criativa
é inspiração - expiração - respiração

em tempos de piração a poesia nos chega
às costas do lirismo dos acentos
da palavra pouco eloquente
sem “aspas”, **grifo**, *itálico*
queda livre à

lu

ci

dez

dez vezes, se preciso,
dez vozes, se possível

Nós, que só temos a escrita
(e lemos contigo, Pucheu)
pra lutar,
viver
e insistir

VI.

surdina,
pelas frestas
completo teu rosto impreciso
poemando
com a imaginação
memória aos pedaços
ao encontrar seu eu mascarado
na rua

a casa é uma cidade
pequenos espaços
você, nós, amor,
carne - osso - pele

seu sorriso adivinho embaixo do tecido
jazigos submersos
bastam os olhos
basta a presença
talvez a gente consiga trajes espaciais

VII.

É na solidão do concreto que encontro o animal que
habita
que deseja a fogueira
o calor
outrem

aquém

por uma persistência revolucionária do amor
insistir é preciso
navegando
vagando
abrindo água na água
crianças gestos incompletos de agarrar as ondas
com as mãos
na espuma dos dias
em marasmo
com asma,
o mar
ao mar
amamos. amaremos

(sim, Briveira),

“amar na vida ou na morte é um privilégio”

a-mar na vida

[o amor como pequena ilhota de presença no
mar do tempo]

amar na vida com toda sorte que nos cabe
e que nos é direito
amar na vida como trote,
golpe de sorte no sufoco da asma,
da tosse suspeita
da palavra com 37 e meio de febre
para então surdinarmos

na brisa-parapeito
à janela
à espera
à espreita

saudade de tomar banho
de chuva
contigo
comigo
sentir os pingos caindo
um
por
um
pensávamos nunca ter fim
(e) acabou
recomeços
entre tropeços

façamos chover dentro da gente
 façamos chover nossas lágrimas
 bolhas de água
 a apagar cifras de poeira

submerso
sub-verso
respiramos

nós
(dentro e fora do poema)

na voz que se desfalece em pranto e riso
diante da nossa própria lucidez,
é o compasso quem dá ritmo
(ao poema e à vida)

VIII.

A sensação que precede o vômito
(sim, Adorno)
Os milésimos de segundos
antes do soco atingir o rosto
O corpo
em queda livre
As borboletas
no estômago
O pensamento
não pensado antes do gesto
O frio
na espinha
O afeto
que é matriz do pensamento
O chiado
que anuncia o som do vinil
Uma vida
é o que pode (quem sabe?)
dar sentido à morte

IX.

quando morrermos
encontre nossa obra
em pastas na área de trabalho
em HDs externos
na nuvem
(a senha é amor)



(por quais vidas minha poesia grita?)

para Alberto Pucheu

(você não dá conta do começo de um poema
ele é impossível
mas tem alguma coisa aqui)

poexistência

a culpa é de vocês
por ter escrito

desertar para dentro de nossas casas
encontrar um dentro-fora do Brasil
cavar uma saída
por dentro
para fora
luz de fundo
potência ao se dobrar
resistir pelo subterrâneo
resistir a si
por dentro do mundo
corta ao meio
corte-se ao meio
e multiplicar-se-se-se

e se?

pensar o tempo
em sua intensidade
 pesar o tempo
em sua intensidade
pesar
como um corpo
alegre (em chamas)
vivo (faminto de infâncias)
(móvel)
(sedento)
poesia como desarma
desarmar
desamar
deamar
damar
entre (catarros e cólicas)
M. Bethânia, por favor (me mande uma carta, só uma,
pode ser de amor)
eu gostaria de saber
que as coisas estão
ficando melhores

(Pucheu, viste?)
aprendemos a respirar
com as palavras
(por favor, me mande uma carta, uma só mesmo,
aquela de amor)

inassustáveis (inclassificáveis) (inacessíveis) que
somos
aprendemos a respirar

diariamente,
conta o que nos sufoca
contra o que nos sufoca
lutamos com o que temos
(lutemos?)
entramos na tenda de Aquiles
(aquele que mora na filosofia)
animais pelo chão
oração inter-religiosa

beijamos tua mão, com a boca da poesia
(nossa boca pinga poesia)
queremos respirar
é a nossa voz,
é a nossa vez,
(será?)
tentativa de um toque
de um torque
de um truque
de um troco

(nos pega pela mão?)
não mais um golpe
pequenos golpes de subversão pelo afeto
acolher a insistência da fragilidade

da pedra
o colo
golpeamos até abrir fissura
ínfima que seja

mobilizar o híbrido
amanhã lutar
hoje luar

como resistir hoje na insustentável normalidade da
guerra
senão pelo testemunho?
como resistir, senão
desarmando o autoritarismo?
bordar a submersão na escola
dobrar a subversão na vitrola
até a subversão
da vida coletiva
porque seguimos lutando

nosso jeito, ao nosso modo
(silêncio) poeta trabalhando
(estouro) da furadeira começa na parede
o avião corta o céu do bairro
(risos)

a vizinha na janela
olhos pelas arestas (oi, Tania!)
abismos vizinhos se encontram

poema híbrido
uma poeta entrou com três pedras na mão na casa da
tempestade
o abismo não nos divide
o abismo nos cerca
a voz dos levantes
um corpo múltiplo
poema que fala ao mundo inteiro
poema que vai para a guerra
lutar para os vivos e mortos
poema para ser lido na posse da presidenta
(grunhido) um leão ruge na avenida em frente à
janela, é meu o rugido
um gato se lambe se ama se cuida
para que serve um poema?
(poesia como método de pesquisa)
poema serve e serve-se
self-service popular
poema vem e pega
poema sirva-se
(intervenha aqui, apague ou adicione algo:
convocação. ou não.)
intervenção convocada, mas jamais saberás se fui eu
quem interveio
seria isso a poesia?
poéticas políticas anônimas
escrever é poético e é político
não sei com quem falo
mas em partes me identifico

seria isso a anarquia?
se eu fosse um leão me lamperia
e se um gato respiraria
enquanto humana que sou me resta o rugido
(aqui convocação para rugidos e uivos. ou não.)

a beleza de quando Assumpção
segurou as mãos de Pucheu
e digitaram juntos uma nova forma
o começo de um poema totalmente nebuloso
impossível
nenhuma garantia

acontece algo
estopim
musa e trabalho
à revelia
pegar dos ganchos e dos cabides
usar dos híbridos
dos encontros entre &
lado a lado
tensões aglutinadas
aglomerar
e compor discontinuidades
não lineares
simultâneas
e impermanentes
impertinentes
in_penetrantes

poesia

lugar do pensamento em tempo de
pensamento. a prensa do mundo está
ligada. a hora corre. apreendo tudo. estudo.
corro contra o tempo. penso.
propenso a todos os conhecimentos, atinjo a
vida da vida ávida vertigem
poetas não são santos. poetas são sátiros
é meio teórico

poesia

é vida com amor
vida sem amor
é vida sem calor
é vida 40° Celsius
é pensar nosso tempo
é para desarmar
é para desamor
é
?
o que não acreditar senão no riso?

a política é tão pobre em metáforas
que precisa sempre da guerra
para mobilizar

a policização da política
a poesia desarma

permite

uma tristeza longa como essa
quarta-feira de cinzas
que perdura
e perfura nossas existências
poemexistências

intervenção poética já
palavras em protesto
apontadas feito flores
contra as baionetas dos opressores

escrever para produzir a pergunta
“por que eu não conheço isso ainda?”

como damos conta desse tempo?
um tempo megailuminado
que não só cega
mas que distorce os pensamentos
onde vidas deixaram de importar
e aquelas que já não importavam
são desejáveis pelo extermínio

o testemunho nunca foi do visto
mas do vivido
da experiência

engana-se quem acha que a testemunha é quem vê

testemunha é
quem sente
testemunho é o corporificado
as marcas no corpo
a palavra no livro
o afeto
como resposta ao que nos move

poesia política
no dia de hoje, Bolsonaro diz
“ordens absurdas não se cumprem”
repito “não teremos outro dia igual a ontem.
chega! chegamos no limite. estou com as armas da
democracia na mão”

poesia toque, na medida que toca já faz tocar mundos
trocar mundos
a poesia é antítese interessada
interessante
a todos os projetos coletivos dos séculos que não
deram certo
por si
por nós
por todos os nossos nós
por todos os pontos nublados
obscuros
pelo começo de um poema
de uma dissertação
ensaio de tese

trabalho de conclusão de curso
artigo
para esse algo que é o estopim
da dissertação tese trabalho de conclusão de
curso artigo
e do poema
(silêncio)
selva da linguagem

ouve o ruído das engrenagens da poesia
rumor
o mecanismo da linguagem se abre aos olhos
a língua sibila bífida e peçonhenta
(cuidado)
a poesia dá o bote

a musa é a palavra correndo pelo campo até que pise
na poesia e seja mordida
fisgada
o poema vem com o grito e a poesia
veneno antídoto
(híbrido)
(trecho apagado por queimar demais)
aniquilação – fragilidade – precariedade
por quais vidas minha poesia grita?
Inominável intragável
improvável impossível
aos mais vaidosos dos seres
somos caixas de carne e ossos com um aviso tatuado

em nossas peles:
cuidado: frágil
a frágil idade da palavra
não trouxe minhas guelras senhor e
é preciso aprender a:
1) ficar submerso
e
2) vir à tona
acontecer
não há submersão sem superfície
é preciso retomar o fôlego
respirar
e vir à tona

é preciso aprender tanta coisa
mas só me fazem apreender

esse poema não acaba aqui
mas deve ter fim

enfim,
deixar uma pedra de espera nesse córrego que
estamos atravessando com a poesia

a pedra marca o caminho
da volta
do fim
da vida
de tudo do mundo

de tudo no mundo,
uma pedra,
uma pedrinha qualquer,
a que você tiver aí, por favor.

(a gente não é fake news)

: ‘até nos vejo de mochilas partindo numa
aventura incerta ou apenas com migalhas nos bolsos’

poesia
na sobrevivência pré-sono

da reinvenção da insônia
poesia-sorte
em meio ao martírio
“sonhava com seu caos”

poetas consertando o barco
em plena navegação
que não afunde
que não afundem

poeta, presente

poetas que escrevem incertos
por linhas tontas
folha caída

a imagem de um sonho
de caminhar em grupo
com mochilas
soltando migalhas pelo caminho
partindo numa aventura incerta
a imagem de um levante
de sentar nas escadarias da Borges
para ler poesia
um almoço nas escadarias dos sofás
das camas
fantasia de sarau
dentro fora
intimidade
que habita nosso dentro
nossa casa
livros
armários
encontrados com o fora
ao sair
trabalho
compras
rua

a imagem de um sonho
de caminhar sozinho
sem nada
carregando apenas o próprio espírito
com um destino certo
a imagem de um encontro
de se misturar numa pequena
multidão
para ser poesia
a todas as mãos
se fazendo
simultânea

colocar a mão na boca
um gesto de segurar o choro

viver o fim
efêmero
e forte
e frágil
do encontro

angústia de separação

ah não
ansiedade de separação

“angústia sou eu”, é comigo,
em desvio
espero

silêncio se faz no Vale
do *chat*
grávido de sons

quem é tu que escreves comigo?
eu me pergunto sempre

não me reconheces?
sou
eu-tu-nós grávidas, grávidos,
gravidados de ausência

tu és muitos e muitas

é o que sei

é disso que me valho

remoto trabalho controle
a escala
a metodologia
as plataformas
o uso do tempo

eu quero o desuso do tempo
à espreita

apaguei luzes para ser noite
apaguei luzes para ser [escreveste tu
que desconheço] apaguei
atendi a uma chamada
ansiosa por terminar
[para te encontrar]
tecer ness
a poesia (que) exige
escuridão

para travessiar o mar
da diáspora
da rasura
da precariedade

[já não estou aqui,
e tu
tampouco]
há liberdade depois do mar?

essa pergunta que não cala
assim como todas as outras

oceanos adentro;

coisas que habitam nosso dentro:
“em sonho vi-te voar”

pra não sujar elas com tuas mãos
“limpas”
o destino da inexistência

permanecer suspense em imagem
(a gente não é fake news)

quero tocar nesses vestígios que

comprovam passagens,
objetos contingenciais
repletos de algo mais:

pequenos e grandes filhos
pequenas e grandes filhas
das putas e gerais
das professoras e dos almirantes
dos vendedores de pipocas
dos acadêmicos
das deusas
de uma espiral cujo eco

permanecerá

incógnita

botar a mão na boca para não chorar

meu povo
só sobrevive pela poesia.



(saber partir)

a mesa é farta
café, cuca, bolo, pães
vinho

o cheiro do bolinho percorre o Vale
do Mconf
(bolo de quê?) pergunto, como para
animar a imaginação
cenoura
laranja

¿quien escribirá la historia de
lo que podría haber
sido?

me dá um abraço
 imploro

c

a

i

o

em Lorca

bem assim meio bicho
meio bicha
meio sapatilha
meio sapatona
a milhões de anos luz ainda se vê
meu brilho
meio mínimo
meio mulher
meio meio
meio
híbrido

cometa

astros
atos
fatos
rasgos
nascos
traços
taças

cometa
comenta-me
cometa-me
coma-me

La sirène succombe à sa
propre voix.

uma escadaria de sofás
andar na escadaria
calçar almofadas
pular de degrau em degrau
saltar murmurando poemas
como faziam as avós em orações
desta vez sem promessas
ou culpas
não há começo ou fim
não há tesouro ou topo
há durante a caminhada
um sarau
a comida
a imaginação
um levante de poetas
crianças poetas gritando
um lugar em que se pousa juntos
por um momento
um lugar respirável a plenos pulmões
nos chamam
despedida
saber partir
saber se desligar
e guardar no bolso do coração
as lembranças
até amanhã

quinta-feiras alegres

das lágrimas do professor
e da voz doce da professora
transbordam
mundos de amor
quando passam pelos poros
abrem a pele toda
como esponjas no mar
tudo absorvem
decidem expelir
todas as emoções que não precisam ser
enterradas na areia
são elas que farão um lampejo
de coragem
quando emocionados
nos emocionam
& nos fazem resistir

- resistiremos -



11.11.11

CHRIS
DAP
TAV AKT 06/2011

und
sens
mit wei
die wir ein



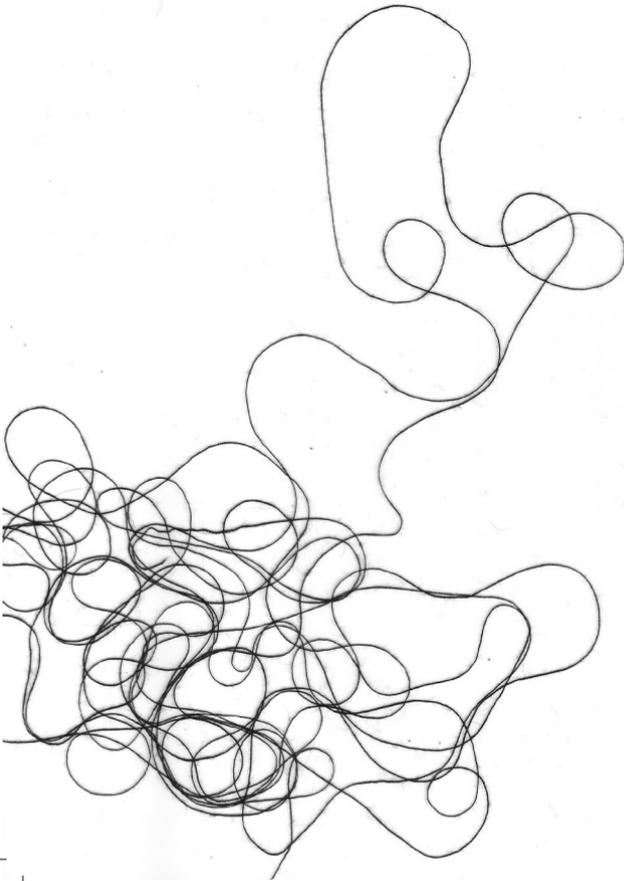
UMGEBUNG



BYERS / BLN)

(ao Vale do MConf)

[a imagem do Vale do Mconf nos chega na conversa com o poeta Alberto Pucheu, quando, do alto do isolamento social e em meio ao seu Vale do Socavão, usamos nossos telefones de lata & barbante, imediatamente nos encorajando a viver a poesia em tempos de catástrofe]



(c - h - a - t)²

[16:32] e se me perguntarem como se chega ao Vale do
MConf?

[16:32] impreciso

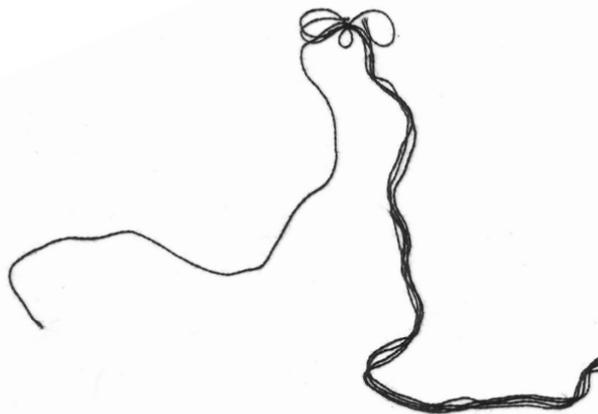
[16:32] talvez colhendo os farelos

[16:33] migalhas de bolo

[16:34] farelos de comida ou de pedaços
nossos que deixamos por onde passamos?

[16:34] a senha é amor

[16:46] quando as janelas de casa só permitiam a
mesma vista do bosque de um lado e de um
prédio espelhado de outro (tendo na
programação a limpeza interminável das
janelas reluzentes e antigos cantos renovados
das cigarras e bem-te-vis), a janela ao Vale do
Mconf permitiu um tresvario dos isolamentos
no sofá ou no fosso.



(bandeirolas pelo chão)

voamos como um pedacinho de poeira
soltas as moléculas no ar labirinto de nosso
confinamento
conhecíamos muitas paredes
muitos atalhos
as fendas do teu corpo
e então:
caímos de cansaço e euforia
estávamos sobre telas
um azul pululava em pequenos *pixels de led*
ao mesmo tempo tocava no rádio:
*[...] a tua presença, entra pelos sete buracos da minha
cabeça, a tua presença [...]*
dura como pedra
era só uma cifra de poeira na tela do computador
de novo, éramos aquela poeira deslizando devagar nos
recônditos de quartos fechados

e Barthes nos anotou: essa lentidão é necessária. no
mundo atual, toda técnica de diminuir a velocidade
tem algo de progressista

engraçado isso aí
uma cifra lenta de poeira
éramos um tanto assim



fomos junt_s um tanto assim
cifra lenta de poeira de estrela
estrelas aquelas que Ana Martins Marques nos
contou
que nos ensinam algo
sobre a distância
sobre a lentidão
sobre a imagem
que quando nos chega
já não é mais a mesma de onde vem
atravessando distâncias em lentidão
fomos junt_s um tanto assim
no encontro-presença-virtual no Vale

o Vale do MConf
gramado que se alargava
algumas bandeiras pelo chão
algumas migalhas pelo chão
alguns mapas guardados nas mochilas
errâncias
discrepâncias
alternâncias
nas passagens, nas paisagens
para não dar voltas
mas, no entanto, entre-tanto, só nos restava
dar cambalhotas

se jogássemos no Google Maps,
onde eu estava, onde tu estavas,

onde estávamos nós,
naquelas quintas de abril,
maio,
junho,
nesses dias em que a vida respira vidas que se foram,
que se vão,
vidas que não mais respiram

procurava em caixas de textos e *links* perdidos em
sites de busca
como a personagem de Saramago na porta dos
obséquios
querendo do rei
um barco
a descobrir uma ilha desconhecida
para chamar de sua

uma pista:
dobra em Bacurau, passa por Macondo e segue toda
vida

Vale do MConf
Vale do Socavão

no modo que podemos,
ao modo que passamos
a tentar, nessa canoa delignyana que talvez o Vale
seja,
acolher

a-tentar fragmentos
numa aposta do que a poesia guarda em sub_linhas
modos de conjugar o amar-amor
modos de conjugar o cuidar-aprender

seria preciso arrancar do chão uma bandeirola do
caminho
flamejar o corpo com a bandeira: SOS

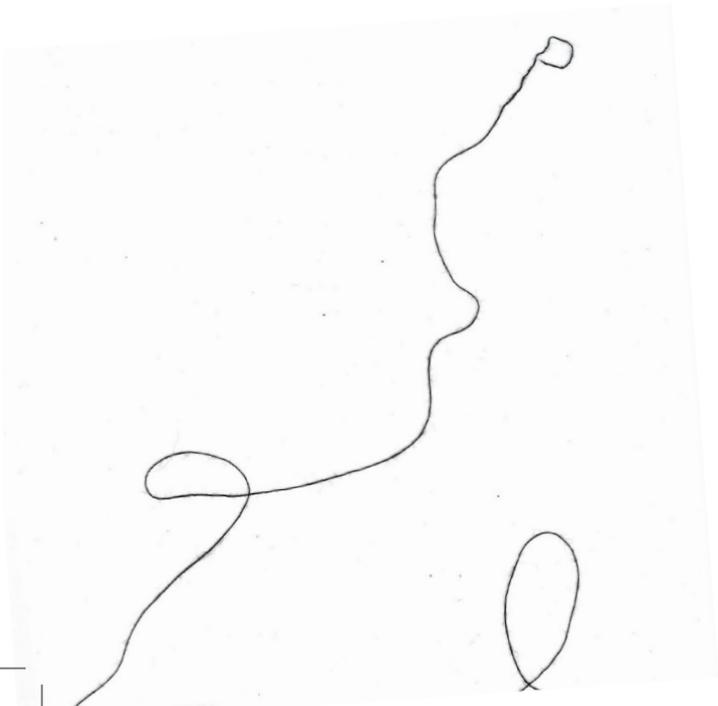
não há caminho a trilhar em busca do Vale
naqueles dias todos os caminhos levavam ao Vale
há quem diga que do Vale nunca se sai, uma vez que
se esteja dentro
talvez na memória
como um buraco negro, é do tamanho de um ponto
mas acumula densidades infinitas
nem a luz, dizem, escapa ao Vale

escapo ao Vale e me encontro nele
de novo e de novo
buraco negro, buraco de minhoca
o Vale se espalha e contrai no tempo
contraído pela tecnologia | expandido pela poesia
e na imensidão atemporal que cada um de nós é
para onde o Vale leva? para onde ele nos trouxe?
transcende ele um eu ideal que só se vale só?
lá estava o Vale
como rios que se encontram
um Vale cheio

confluências
bandeiras ao vento

teremos um dia que dizer para nossos amores:
aquele foi o ano de 2020 no Brasil.
não se assuste, Pessoa, se eu lhe disser que a vida é
boa.





(nem ao mar, nem ao barco, nem ao Vale)

(e) mesmo que virtualmente, mesmo que por pouquíssimos minutos. uma dose de minutos que pulsou corpos, que tornou a semana tempo-lugar capaz de trazer confusão com uma realidade de afetos alegres. o Vale nos faz seguir de algum modo: transfusão de poesia para viver. marinheiros marinheiras Valeados Valeadas que não abandonam (nem se abandonam). nem ao mar, nem ao barco, nem ao Vale

desestabilizando oposições entre
pesquisar poesia, escrever arte, acolher conhecimento
possibilidade de inscrever no tempo
conjuntos singulares de textos
universos dos provisórios
da transformação
elogios ao impermanente
movimentos passagens graduais
de um estado a outro
senão de casa em casa
de um Vale a outro
sair de si
mudar de lugar
se refazer

entre vários tipos de vidas e circunstâncias
possibilidades moventes
desfazer hierarquias

limites são postos em xeque
palavras
objetos trocam de função
significados
tudo pode se deslocar
nos centros dos textos
até mesmos tempos como estes
serão ultrapassados

plantamos prosa pelas aortas do Vale
uma artesã desenhou no viveiro
aortalças: para quem delas necessitar
sirvam-se!

(cada inconstância do Vale valeria a pena)

na tentativa de falar, conflito de pronúncias
silêncio
“será que falo agora?” - sem perceber que já havia
falado
um microfone aberto
ruído da rua vem habitar o Vale
poluição em forma de som
que se entremeia à poesia
não! Que é poesia
o gato mia, se esfrega e pisoteia as teclas
pena ter apagado essa escrita
os pássaros cantam ao fundo

achamos uma brecha
tentamos escapulir do Vale do Mconf
achamos uma passagem
para o Jitsi
nada feito
aos poucos, enquanto alguns apareciam
o Jitsi nos cuspiu de volta
lapso temporal
buraco de minhoca

por vezes cansados
apáticos

simpáticos
enigmáticos
outro veículo passa
ruído
onde estava mesmo?...

Vale habitado não apenas por nós
por nossas escritas
migalhas bandeirolas
mas também por tudo que nos rodeia
cada inconstância do Vale
vale(ria) a pena

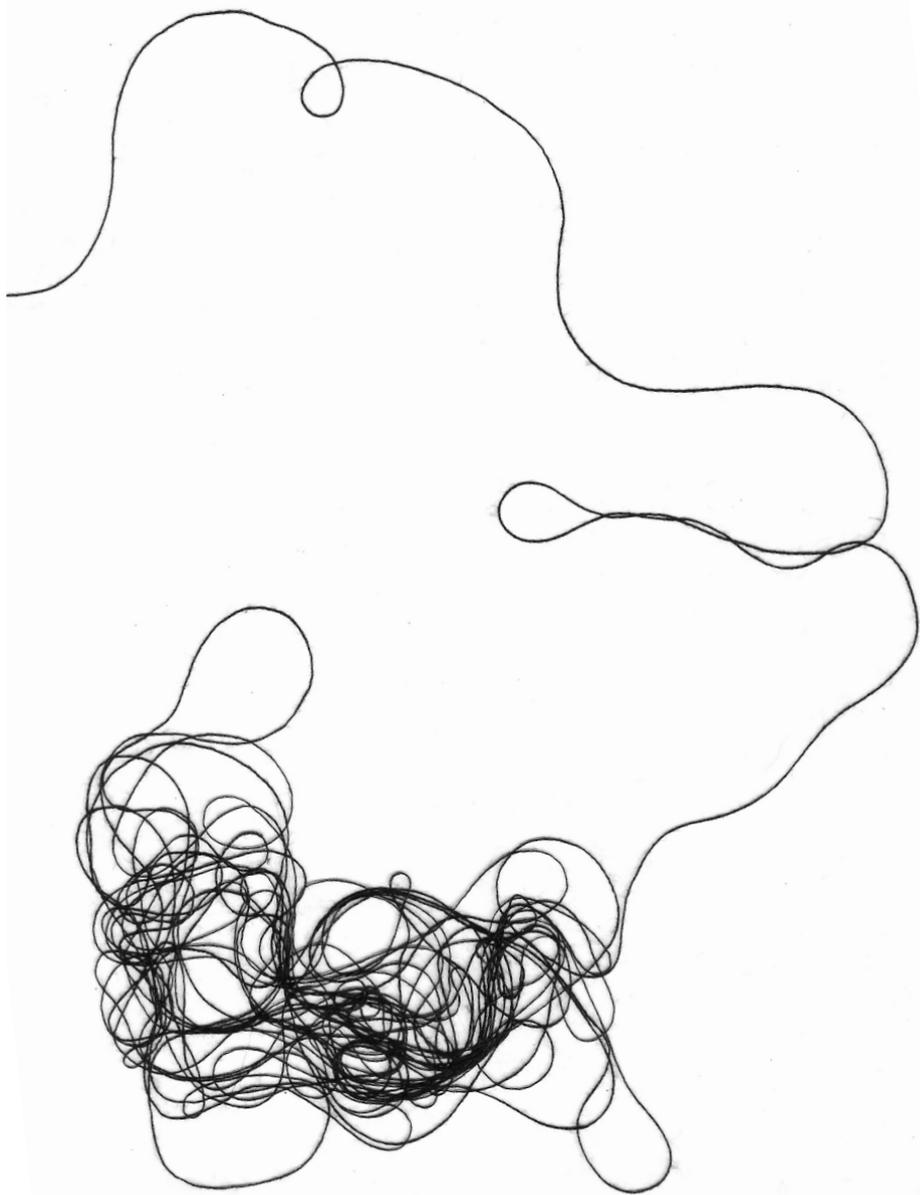
cadenciando entre o Vale e a vida
percebemos
a vida Vale

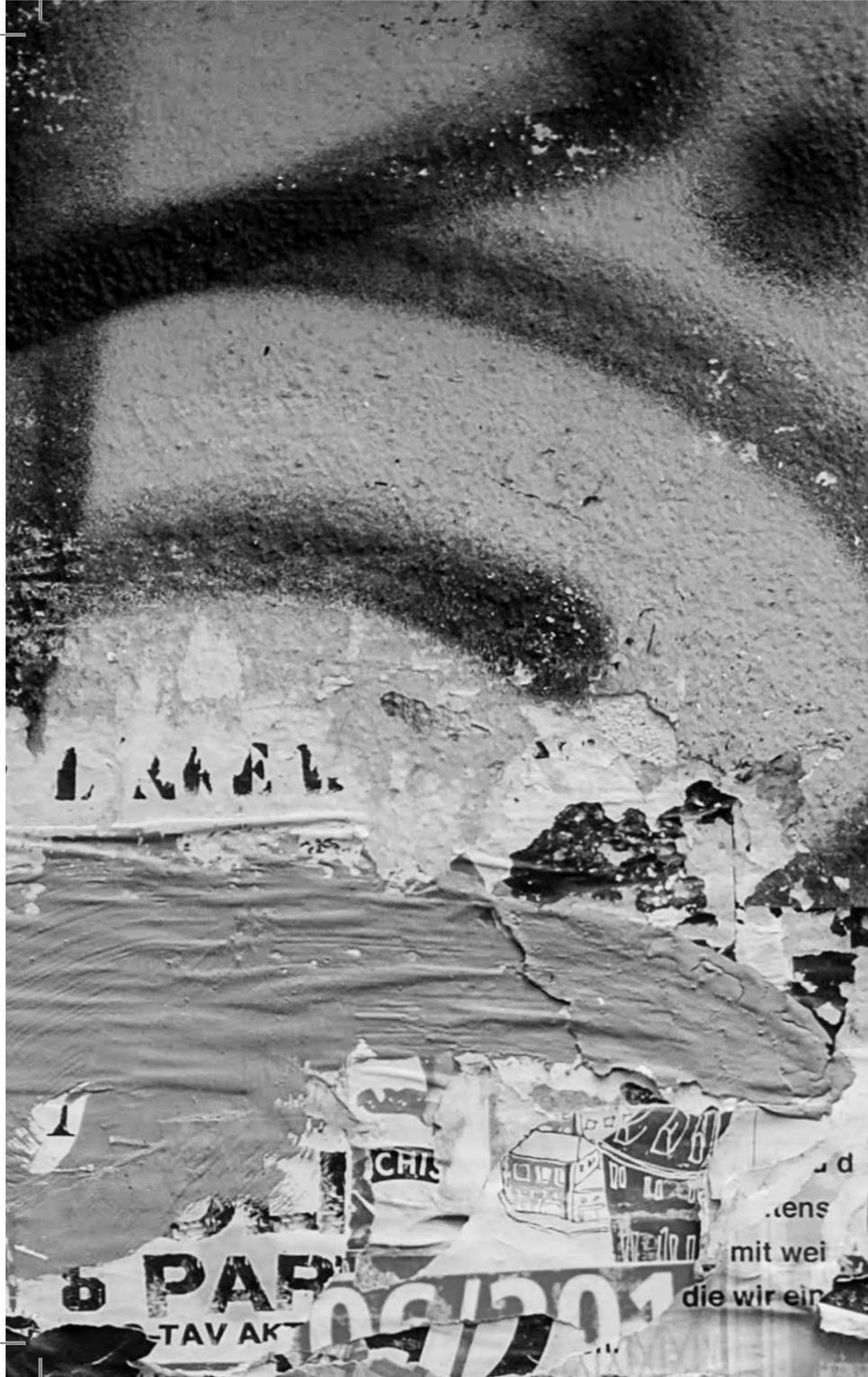
deve ser isso
imensidão de um Vale
onde cabe a vida

(as notas estão borradas. a tinta é matéria do sonho)

(avesso)

agora imagina: poeta acorda em nostalgia numa
manhã de quinta-feira; pisa descalço no chão,
prepara um café, ou um chá, tanto faz; lê um jornal
imaginário cotidiano de cada dia, em meio à tigela
com frutas e granola; soube de uma bomba que
estourou lá fora; espera ansiosamente pelo horário
das 14:30; leu um dia que chineses podiam ver a hora
dentro dos olhos dos gatos; apenas sonha em contar
como é o barulho inconfundível dos pássaros daquele
lugar. o Vale virou do avesso; quase verso. ode.





LAMEL

SCHIS

PAP
TAV AKT

09/201



d
.ens
mit wei
die wir ein

**processo contínuo da impermanência
(poema-posfácio)**

Rodrigo Briveira

a escrita
roda da fortuna
 ciranda o olho do furacão
o olho da coisa
a coisa está aqui
não posso vê-la mas se me calo posso ao menos
escutá-la
 a coisa
 é a criatura que fabrica o silêncio
 coisifico-me
calo meus ruídos deformato transformo reformo
 re- de *res*- do latim *coisa*
não me conformo por isso
 recoisifico-me
processo contínuo da impermanência

a escrita diz

*sou a fratura no tempo-espaço do dizível e indizível
(indivisíveis)*

fratura
é anagrama de

fatura

dividir para multiplicar

a matéria
bruta da escrita
brita outras
matérias

quem escreve inscreve reescreve transcreve
manuscreve

dá passagem ao novo
se torna o anonimato

depois recebe um nome emprestado

meu nome é algo
mais antigo que eu

pertence ao tempo antes do tempo e à palavra antes
da palavra

meu nome é uma
contra-resposta

ele (o pai) queria que o meu nome fosse o seu
mas isso não aconteceu
nada se perde enfim

seu nome termina com a partícula OR
e o meu começa em RO

e ficamos nesse impasse

ROR

palavra com sonoplastia

de uivo
rugido
o bramido da quimera

trilhamos caminhos invertidos
ainda que sejamos vasos comunicantes
luto contra o fim
faço a volta
visto o retorno
invalido a morte

tenh
o
min
ha
pró
pria
sen
da

a escrita é o legado
entregue a mim aos
oito anos de idade

as palavras se permitem alteridades

frutos do improrrogável

quando escrevo
não estou nem vivo nem morto estou apenas
fora de mim maquinando peripécias
fazendo malabarismo em corda bamba

danço na linha
atada no abdômen da formiga
que passa pelo labiríntimo
do caracol
linha de Dédalo
artesão de caminhos e
possibilidades

fragmento-me

meus pedaços
fogem pois quero
devorá-los
digeri-los

feito o titã que comeu seus próprios filhos
um sempre de rebela e me castra

ficamos
nesse

impasse
nesse jogo
nesse lance
de dados

coisifico-me e rompo o silêncio com meu brado
bárbaro

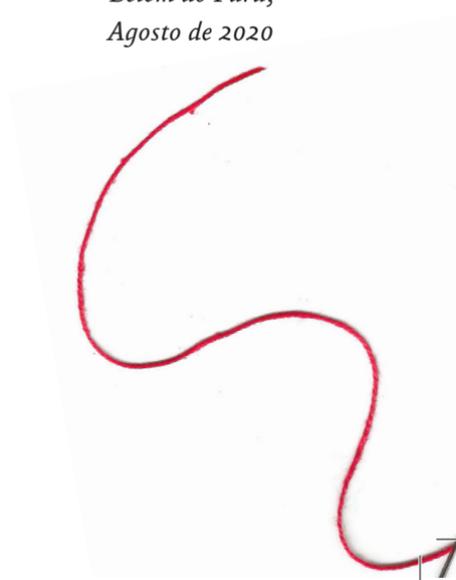
ROR!

recoisifico-me

abraço a dúvida
o marco-zero

escrevo e mato o ponto-final

*Belém do Pará,
Agosto de 2020*





L'espace du séminaire est phalanstérique, c'est-à-dire, en un sens, romanesque. C'est seulement l'espace de circulation des désirs subtils, des désirs mobiles; c'est, sans l'artifice d'une socialité dont la consistance est miraculeusement obtenue, selon un mot de Nietzsche: "l'enchevêtrement des rapports amoureux"

no vale do mconf [...]

Esta

É a palavra

Dum coração que vê.

Alberto Pimenta (2015, p.28)

NOSSE SEMINÁRIO
QUARENTENA 2020

O espaço do seminário falanstérico, isto é, em certo sentido, romanesco. É somente o espaço de circulação dos desejos sutis, dos desejos móveis; é, no artificio de uma socialidade, cuja consistência se extenua miraculosamente, segundo uma expressão de Nietzsche: "o entrelaçamento das relações amorosas."

(somos nós)

ALMEIDA, Kauan Santos.

Anjo exterminado.

ALTHAUS, Eduardo Cristiano.

Tempos de sonhar.

BITTENCOURT, Lucas Boeira.

Inelutável anotação mareada.

BOMBASSARO, Vitória Moro.

Encantadora de afe(c)tos.

CAPPELLARI, Amanda.

Inventora de fantasmas insones.

CHRIST, Adriel Giordani.

Correndo descalço entre corcéis.

COLLING, Giovana dos Passos.

Nos escombros ocultos.

CORREA, Tatiele Mesquita.

Admiradora de estranhezas presentes.

CORSEUIL, Lucien Soldera.

Espaço /// de espera.

COSTA, Luciano Bedin.

Um abridor de janelas.

EICHHERR, Leticia Maísa.

Escutadora de passarinhos.

ESCOBAR, Gabriel Medeiros.

Sobre a Insônia e outras verdades noturnas.

MEDEIROS, Lidiele Berriel de.

Flanadora entre dimensões.

MIOLA, João Luís.

Adestrador de ausências e enfermeiro de palavras.

PEREIRA, Geice Michele.

Pintora de afetos e percursos.

PORTAL, João Camilo.

Na constante poética da derrota.

RODRIGUES, Elisandro.

A montagem cotidiana do infraordinário.

ROCHA, Amanda Corrêa.

Devaneios em nós.

SANFELICE, Mirela Massia.

Poesia sem fronteiras.

SANT'ANNA, Ademiel Junior.

Entre rios.

SCHAEFFER, Laura Coelho.

Estranha insurgente - uma carne fronteiriça.

SILVEIRA, Daniel Leal Racheli.

À deriva.

SOUZA, Laura Barcellos Pujol de.

Observadora de sapos.

SOUZA, Luis Henrique da.

Criança viada, deusa das águas.

TOEBE, Sharyel Barbosa.

(A)bordar afetos.

VENTRE, Anna Leticia.

Corredora em nuvens.

MESSAGES

< Public Chat

Public Chat

NOTES

Shared Notes

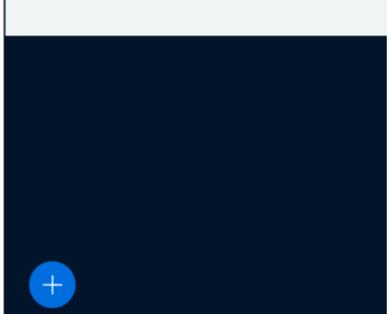
USERS (1)

Anna Letícia Ve... (You)

Bem-vindo(a) a Políticas do Texto V!

Esta sala Mconf possui o limite total de 75 participantes (incluindo o administrador da sala) e 6 câmeras simultâneas. Tal medida é necessária para viabilizar a estabilidade da plataforma. No caso de um maior número de participantes, consulte a Rede Multivídeos para a busca de outras soluções em webconferência.

Send message to Public Chat



Políticas do Texto V | Start recording



SEAD UFRGS
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

CPD
Centro de Processamento de Dados

PROJETOS EM
ÁUDIO E VÍDEO
PRAV

mconf

Slide 1

100%

RSCH VERHINDERN
NHAUSEN

ED
HT

REPL IN



[uma anotação intempestiva]	11
apesar da necrocracia, <i>de Alberto Pucheu</i>	15
(escrever como acidente entre o dizer e o escutar. a poesia-coisa. paleolíticas poéticas.)	19
(quero salvar tudo que puder, me salvar, e salvar você)	29
(pulsante anotação de cura)	31
(vinte definições para sutilizar palavras grandes)	33
(c - h - a - t) ¹	39
(a senha é amor)	41
(por quais vidas minha poesia grita?)	55
(a gente não é fake news)	67
(saber partir)	75
(ao Vale do MConf)	81
(c - h - a - t) ²	83
(bandeirolas pelo chão)	85
(nem ao mar, nem ao barco, nem ao Vale)	91
(cada inconstância do Vale valeria a pena)	93
(avesso)	96
processo contínuo da impermanência (poema-posfácio), <i>de Rodrigo Briveira</i>	99
(somos nós)	105

Esta edição foi composta na fonte Absara, tamanho 10, em papel jornal, junto de folhas caídas, fios, bordados, paredes e resistências.

Impressa pela Gráfica da UFRGS,
no enfim verão de 2021.